

Malan espera fechar acordo com bancos em até 60 dias

JOSÉ MEIRELLES PASSOS
Correspondente

12-3-93

WASHINGTON — Dentro de 45 a 60 dias, o Brasil deverá concluir o processo de reestruturação de sua dívida externa, previu ontem o negociador oficial da dívida, Pedro Malan. A parte que lhe cabe deverá estar encerrada nesse período: falta apenas o trabalhoso acerto dos contratos referentes aos bônus, que substituirão as atuais promissórias para pagamento da dívida externa.

Malan espera que, enquanto estiver finalizando esse acerto, o Governo consiga chegar a um acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI) sobre o seu programa econômico. Isso é importante por dois motivos: em primeiro lugar, a "benção" do Fundo dá maior credibilidade ao Governo perante os bancos credores. E, uma vez firmado o acordo, o FMI entrará com uma parte das garantias exigidas pelos banqueiros para fechar o pacote com o Brasil.

Nos próximos dias, Pedro Malan iniciará a última etapa de sua missão.

— As coisas estão caminhando para uma espécie de "acordo em princípio" com as instituições que fazem parte do Comitê Assessor de Bancos Credores do Brasil. Estamos trabalhando agora em um texto que fixa os



Malan: bancos preferem que 60% da dívida tenham cobertura de bônus ao par

termos para a redistribuição dos bônus, o qual, espero, será distribuído a uma centena de outros bancos até o fim desta semana — contou Malan ao GLOBO, ontem à tarde.

O texto indicará a proporção da distribuição dos dois principais bônus brasileiros, que cobrirão cerca de 80% do principal da dívida — ou seja, a parcela para a qual os banqueiros exigem garantias.

O Brasil quer que os bancos escolham o chamado bônus ao par (sem desconto) num volume equivalente a no máximo 40% da

dívida. Além disso, pretende que no mínimo 35% do débito sejam representados por bônus de desconto.

— No momento, os bancos preferem que 60% da dívida sejam cobertos pelo primeiro tipo de bônus, e 19% sejam resgatados através do segundo. Nós estamos caminhando para um acordo na proporção 40%—35%. O texto que estamos preparando indicará aos demais bancos, que não fazem parte do Comitê, o mecanismo de ajuste que será utilizado para chegarmos a esses percentuais — disse Malan.

Ex-vilã

REFEITAS as contas, a dívida externa brasileira em negociação com os bancos credores caiu de US\$ 40 bilhões para US\$ 35,5 bilhões. É o resultado da decisão do Brasil de permitir que países devedores paguem seus débitos usando títulos da dívida brasileira, adquiridos no mercado com grande desconto.

O ACERTO a ser feito com os bancos poderá fazer com que essa parcela problemática da dívida diminua para US\$ 30 bilhões. E uma redução ainda maior poderá ser obtida, através da conversão do endividamento em investimento (por exemplo, pela compra de ações de empresas privatizáveis).

OU seja: pode acontecer que muito breve a dívida externa deixe de ser apontada como a principal causa de todos os males do país.

SERÁ uma hora amarga para quem tem a mania de procurar alhures desculpas para deficiências e incompetência inteiramente domésticas. Onde arranjar um outro vilão?